



Juarez Fonseca é jornalista cultural há 50 anos. Autor dos livros *Gildo de Freitas, o Rei dos Trovadores*; *Ora Bolas – O humor de Mario Quintana*; e *Aquarela Brasileira* (volumes 1 e 2)

Quase 30 anos de parceria com os *hermanos*

Sim, resta falar dos *hermanos* uruguaios e argentinos, um capítulo à parte. De 1998 (quando participou do projeto Porto Alegre em Buenos Aires) para cá, só na capital argentina Arthur e suas turmas fizeram 25 shows. Em 2010 ele chegou a criar um grupo trinacional, a Surdomundo Imposible Orchestra formada pelos paulistas Mauricio Pereira e Caio Marcondes, os portenhos Ignacio Varchausky e Martin Sued, os montevideanos Martin Buscaglia, Osvaldo Fattoruso e Martin Ibarburu. Até 2018 o grupo se apresentou nos três lados das fronteiras.

Tocou e gravou com os argentinos La Chicana, Los Cuatro

Vientos, La Bomba del Tiempo, Santiago Vazquez, Rodolfo García (ex-baterista do grupo Almendra, tido como um dos fundadores do rock argentino), os uruguaios Ana Prada, Fernando Cabrera, Hugo Fattoruso e Leon Masliah. Com o cantautor Omar Giammarco fez vários shows em Porto Alegre e lançou em 2015 o disco *Música Menor*. Ele tem uma base sólida em Buenos Aires, o músico e produtor cultural Carlos Villalba, que já se apresentou algumas vezes em Porto Alegre – “Somos amigos desde 1998”, destaca Arthur.

Em setembro próximo, o elo se fortalece. A Tum Toin Foin fará no dia 10 o show de abertura do 33º Porto Alegre em Cena



Ao lado do cantautor Omar Giammarco, com quem gravou o disco *Música Menor*

ao lado das cantoras argentinas Dolores Solá e Liliana Herrero. Depois, Arthur e Áurea levarão à Tilcara, cidade andina na província de Jujuy, o espetáculo

de piano e voz *A Carne da Palavra*, com poemas musicados de Fernando Pessoa, Garcia Lorca, Aldir Blanc, Montaigne, Peire Cardenal e mais. Em Tilcara se

realizará a quinta edição do festival El Noa Tiene Que Andar – Mercado regional de la música, com shows, mesas-redondas, palestras e *workshops*.

Elis, Lupicínio e uma cidade cheia de histórias

Arthur diz que o interesse pela história da música brasileira e pela escrita “são uma maluquice da vida inteira”. Quando não está ensaiando ou nos palcos, está “escrevendo, escrevendo, escrevendo”. À parte as reportagens para o jornal, sua primeira experiência na área foi em 1993, com o texto sobre as origens da música do Rio Grande do Sul na série de livros/fascículos idealizada por Carlos Branco, então coordenador de Música na Secretaria da Cultura de Porto Alegre, mais tarde produtor e empresário na área de espetáculos.

Também a convite e com produção de Branco, o primeiro

livro de fôlego saiu em 2001: o precursor *Um Século de Música RS*, 350 páginas no formato 14x14, com cinco CDs encartados. Obra patrocinada pela CEEE (antes de ser privatizada, claro) através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado. Prefácios assinados pelo



Escrever sobre a música de Porto Alegre e do Brasil é “uma maluquice da vida inteira”, descreve Arthur

professor e escritor Luís Augusto Fischer e pelo professor e músico Celso Loureiro Chaves.

Celso escreveu: “Este é o livro que o Arthur não deveria ter escrito. Pois como percorrer mais de cem anos de música urbana do Rio Grande do Sul sem ser enciclopédico ou acadêmico? Sem ser incompleto? São perspectivas tão perigosas que, diz o bom senso, não se deve escrever um livro desses. Mas: e se? E se o bom senso for inimigo da boa memória? E se houver um meio caminho entre a completeza da enciclopédia e a informação truncada? E se o Arthur tiver inventado o impossível? Melhor: e se o Arthur tiver conseguido o impossível?”

Pois é. E era só o começo. Voltando um pouquinho no tem-

po, podemos lembrar que além de Jornalismo na Pucrs ele cursou História, Sociologia e Filosofia na Ufrgs até 2000. Vinte anos depois, o mesmo Fischer o estimulou a voltar à universidade para fazer mestrado e doutorado em Literatura Brasileira, sendo o seu orientador. A dissertação de mestrado foi sobre o grupo Almôndegas e tese de doutorado sobre Lupicínio Rodrigues.

Antes de dar início à bem-sucedida série de biografias pela Editora Arquipélago, ele produziu textos sobre Lupicínio, Elis Regina e Carlos Gardel para coleções de livros/CDs da Folha de S.Paulo. A série da Arquipélago começou em 2015, com *Elis – Uma biografia musical* (276 páginas), livro que depois seria lançado na Argentina, pela

Híbrida Editora. Seguiu em 2022 com *Porto Alegre – Uma biografia musical vol.1* (320 páginas), abordando o panorama desde o povoamento açoriano até os anos 1940. Em 2023 sai *Lupicínio – Uma biografia musical* (376 páginas). E em 2025, *Porto Alegre – Uma biografia musical vol.2* (258 páginas), sobre as décadas de 1950 e 1960. No momento, Arthur finaliza o terceiro volume sobre Porto Alegre, com a história do rock, quinto da série *Uma biografia musical*, que prevê 10 títulos.

Trecho de meu comentário do livro sobre Elis: “Devido ao centralismo cultural, nos acostumamos a ‘saborear’ histórias com as visões de biógrafos como Ruy Castro, Nelson Motta, Julio Maria e tal. Arthur não deixa de

apreciá-las, pois, afinal de contas, a carreira de Elis se deu no Rio e em São Paulo. Mas o modo porto-alegrense de ver as coisas, e desconfiar dos ‘folclore’ cariocas e paulistas, acrescido de seu humor peculiar, é o que de fato diferencia sua biografia das outras.”

Vale lembrar que, antes das publicações, os últimos livros foram/vêm sendo disponibilizados aos capítulos em publicações digitais como o jornal Sul21 e a revista Parêntese, editada por (ele de novo) Luís Augusto Fischer. E esta afirmação pode até ser discutida considerando o futuro, mas Arthur de Faria é o maior historiador musical do Rio Grande do Sul. Apaixonado pelo tema, pesquisa bem, escreve com desenvoltura e bom-humor.

